

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP

rabisco@rabisco.com.br

20 de outubro a 2 de novembro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

Edição 28

ACABOU A NOVELA

Tanta expectativa pra nada: no final, *Mulheres Apaixonadas* perdeu o fôlego e deixou muito a desejar

CELEBRAÇÃO, CONFUSÃO E ROCK AND ROLL

Em show fechado para universidade, Charlie Brown Jr. faz exibição conturbada na zona leste da capital paulistas

WELLATON AMPLO, GERAL E IRRESTRITO!

Legalmente Loira 2 traz os EUA ao nível da protagonista e perde boa parte de seu charme

DIGA LÁ, CORAÇÃO

Reencontro de Luiz Gonzaga e Gonzaguinha pode ser apreciado na reedição de *A Vida do Viajante*

ENTRE A FÉ E O ÓDIO

É possível um judeu odiar seu próprio povo? *Tolerância Zero* nos apresenta uma resposta assustadora

E O NOBEL VAI PARA...?

Saiba mais sobre o africano John Maxwell Coetzee, vencedor do prêmio de maior importância na literatura mundial

MEMÓRIA FUTURA

Do que nos lembraremos daqui a alguns anos, do mundo da música?

#52: Dica de turismo: na próxima vez que for aos EUA, conheça o cenário de *Legalmente Loira 2*

#28: Para não perder o costume, mais um texto falando sobre coisas do coração

BUSCA

Picosearch



ENTRE A FÉ E O ÓDIO

É possível um judeu odiar seu próprio povo? *Tolerância Zero* nos apresenta uma resposta assustadora

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



Hoje em dia, o cinema americano está restrito a duas categorias de filmes: os arrasaquarteirões, feitos para lucrar rios de dinheiro e que não dizem nada; e os chamados “filmes independentes”, que de independentes muitas vezes não têm nada. Perdido, meio sem rumo entre esses dois blocos, está um cinema que não tem papas na língua nem medo de afugentar o público. Um cinema que tem proposta e já nasceu com o rótulo “polêmico” estampado no cartaz.

Tolerância Zero (*The Believer*) é mais um dessa leva, que ainda inclui ótimos títulos como *Clube da Luta*, *Felicidade*, *Kids*, *A Última Noite*, *A Outra História Americana*, entre outros. Aliás, a produção guarda certa semelhança com este último. Ambas tratam de um tema bastante espinhoso: o neonazismo.

A Outra História Americana retrata um jovem americano de classe média, inteligente, cheio de ódios e preconceitos, que começa a mudar seus ideais e crenças depois de uma condenação por assassinato. O filme de Tony Kaye testa o espectador com o uso de uma violência física, moral, uma direção forte e um roteiro que é um soco no estômago dos mais conservadores. Já *Tolerância Zero* narra a estória de Daniel Balint (Ryan Gosling, do suspense *Cálculo Mortal*, em atuação corajosa), um jovem americano de classe média, inteligente, cheio de ódios e preconceitos. Mas as comparações entre as duas produções param por aí.

O ódio e o anti-semitismo de Daniel Balint são ainda mais irracionais e sem sentido (se é que algum tipo de ódio e preconceito tem sentido), justamente por um pequeno detalhe que faz toda a diferença: ele mesmo é um judeu. E o filme do estreante Henry Bean (roteirista de produções como *Justiça Cega* e *Inimigo do Estado*) ganha força ao explorar os conflitos internos vividos pelo personagem, que odeia sua própria raça, mas não consegue se “libertar” de alguns dogmas e crenças da religião de seu povo. Outro ponto a favor do filme é que a violência é mais verbal do que física, tanto que, em algumas cenas, o diretor opta por apenas deixar implícito o que outros fazem questão de mostrar. Esse recurso deixa toda a tensão nos diálogos e nas idéias apresentadas pelo protagonista, aterrorizantes de tão bem construídas.



Mas esses diferenciais acabam se perdendo no meio de um roteiro interessante, mas que não desenvolve todas suas premissas, além de apresentar vários personagens que vão e voltam na trama sem maiores explicações. Muitos, aliás, caem de pára-quedas, sumindo logo em seguida e aparecendo novamente quando se faz necessário. Já outros não têm suas motivações esclarecidas e ficam perdidos entre os diálogos ácidos e preconceituosos. O interesse romântico

de Daniel é um exemplo. Carla, interpretada por Summer Phoenix (irmã de River e Joaquim), é apresentada como filha de Lina Moebius (Theresa Russell, mal aproveitada), fundadora de uma sociedade fascista. Sem a menor razão, ela aprende hebraico num piscar de olhos e passa a seguir alguns preceitos da religião judaica. Enquanto isso, o espectador fica com cara de tacho sem entender nada.



A estruturação convencional da narrativa e os *flashbacks* mal costurados também incomodam um pouco. Fica evidente que o diretor quis que o público ficasse mais atento à ideologia do filme do que a virtuosismos técnicos, mas o tiro saiu pela culatra e o longa perde um pouco de seu impacto. Nem o final, no qual Daniel busca a sua redenção, chega a ser surpresa. O resultado é acima da média, com cenas e diálogos tensos, boas interpretações e a curiosidade do filme ter sido inspirado livremente em fatos reais. Mas mesmo tentando não

seguir fórmulas, *Tolerância Zero* acaba se enquadrando entre aqueles filmes que querem dizer muito, mas no final das contas dizem bem menos do que pretendiam. O que hoje em dia, convenhamos, já é muito. 🤔